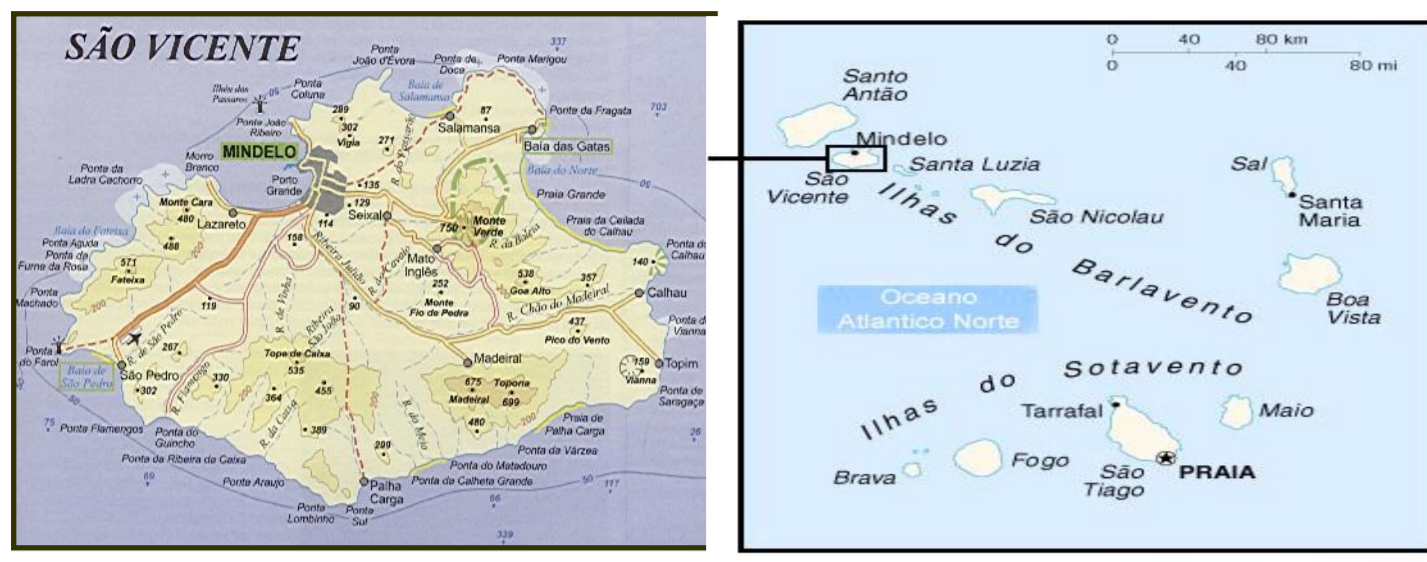


## INTRODUÇÃO



De acordo com a literatura, a flora vascular de S. Vicente é relativamente pobre em termos de diversidade biológica (número de espécies e grau de cobertura). Factores naturais adversos, aliados à acção antrópica, têm provocado, ao longo dos anos, uma crescente degradação das populações de espécies. Algumas espécies da vegetação natural, muito importantes sob o ponto de vista socio-económico e científico, encontram-se ameaçadas de extinção. A realização deste trabalho justificou-se pela necessidade de se colmatar a ausência de conhecimentos sobre a vegetação autóctone da ilha, em termos quantitativos. Reconhece-se que a abordagem quantitativa é de extrema importância, sendo um dos subsídios para a monitorização da vegetação em geral, e autóctone em particular. Além disso, o estudo da vegetação requer uma actualização constante pois, existe uma forte dinâmica em termos quantitativos da vegetação tanto para níveis de densidade maiores como para menores. Actualmente as ameaças naturais às espécies autóctones são bem visíveis. Elas devem-se a uma forte acção do homem, com reflexos devastadores sobre a vegetação, evidenciando ainda mais a necessidade de actualização constante dos inventários.

Procurou-se assim, clarificar a situação actual da flora autóctone da ilha, focalizando as áreas acima referidas e principalmente o Parque Natural do Monte Verde. Realizaram-se ainda, a quantificação e o esboço cartográfico das espécies endémicas e indígenas em risco de extinção.

## MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se um estudo de campo que abrangeu todas as principais áreas de ocorrência de vegetação endémica e indígena da ilha, nomeadamente, o Monte Verde, Ribeira do Calhau, Madeiral, Pé de Verde, Norte de Baía, áreas estas detentoras de interesse em termos de endemismos, inventariando as espécies aí existentes. baseadas em inquéritos, contemplando inventariações de campo e pesquisas bibliográficas, para a confirmar os dados referentes aos conhecimentos empíricos e científicos relativos às plantas utilizadas na medicina tradicional em Cabo Verde.

Para a elaboração da cartografia fez-se a preparação dos dados em unidades UTM que posteriormente foram convertidos em Graus Decimais (DATUM: WGS - 84) o que permitiu através dos aplicativos ArcMap, ArcView e ArcToolbox elaborar a carta dos inventários florísticos na ilha. O tratamento estatístico dos dados foi feito com recurso ao SPSS (Statistical Package for Social Sciences) que é um programa estatístico que integra diversas funcionalidades que envolvem a recolha, validação e análise de dados, tendo-se utilizado as medidas de tendência central. Fez ainda a classificação dos dados em quadros e gráficos, seguindo-se à análise dos mesmos.

As deslocações ao campo, realizadas nos meses de Dezembro de 2006 e Abril de 2007, permitiram estabelecer uma localização precisa dos endemismos utilizando-se para o efeito a carta topográfica da ilha de São Vicente na escala 1/25000, a bússola e permitiu determinar a posição e a localização de cada espécie, o altímetro que possibilitou a determinação da altitude, os binóculos que auxiliaram na visualização das espécies endémicas localizadas em locais de difícil acesso. Foi assim possível referenciar os principais centros de ocorrência de populações de flora autóctone da ilha. Utilizou-se ainda a câmara fotográfica que permitiu o registo das espécies endémicas encontradas durante os trabalhos de campo.

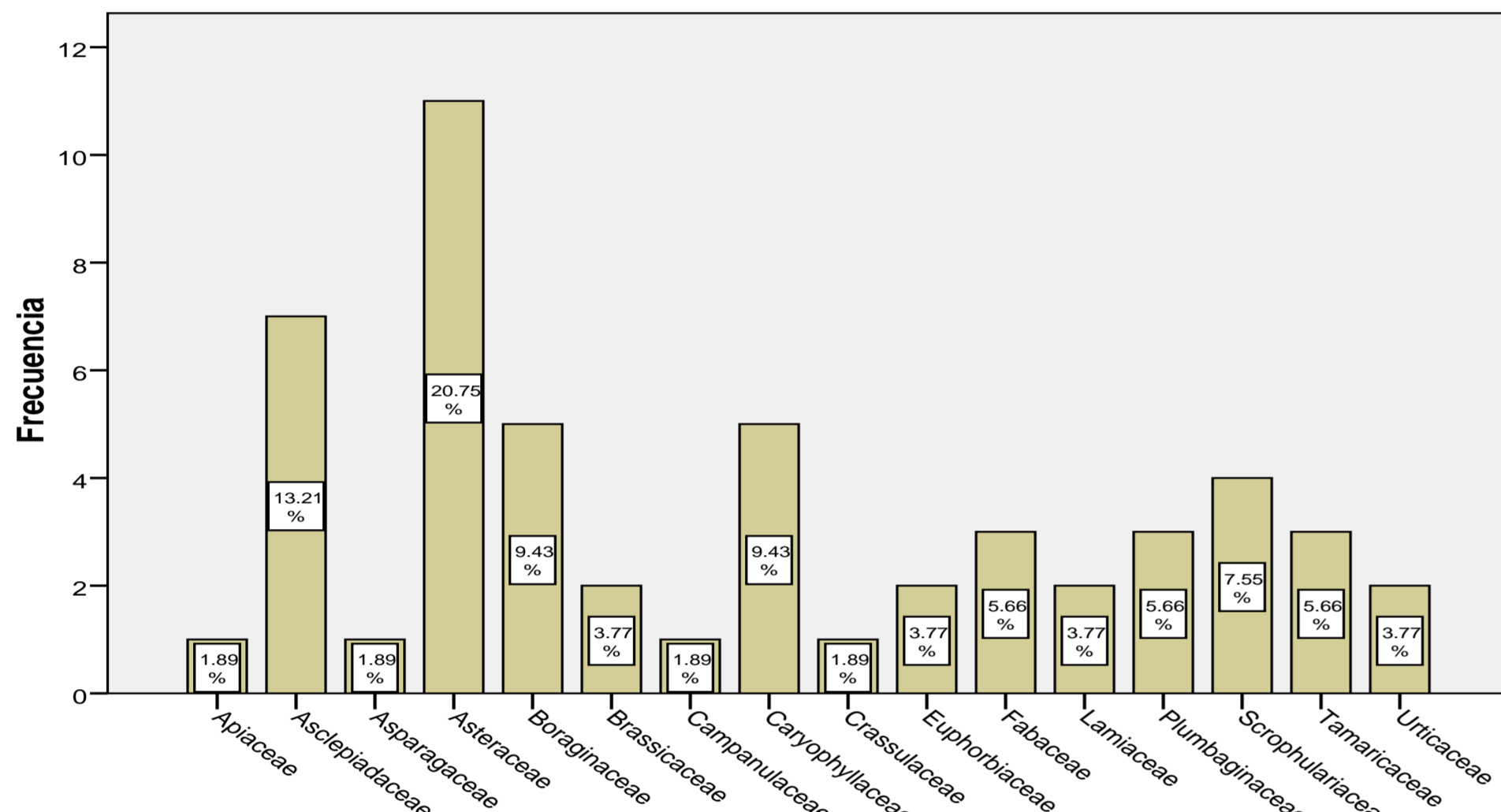


Figura 19: Representação gráfica do valor percentual das famílias inventariadas na ilha de São Vicente

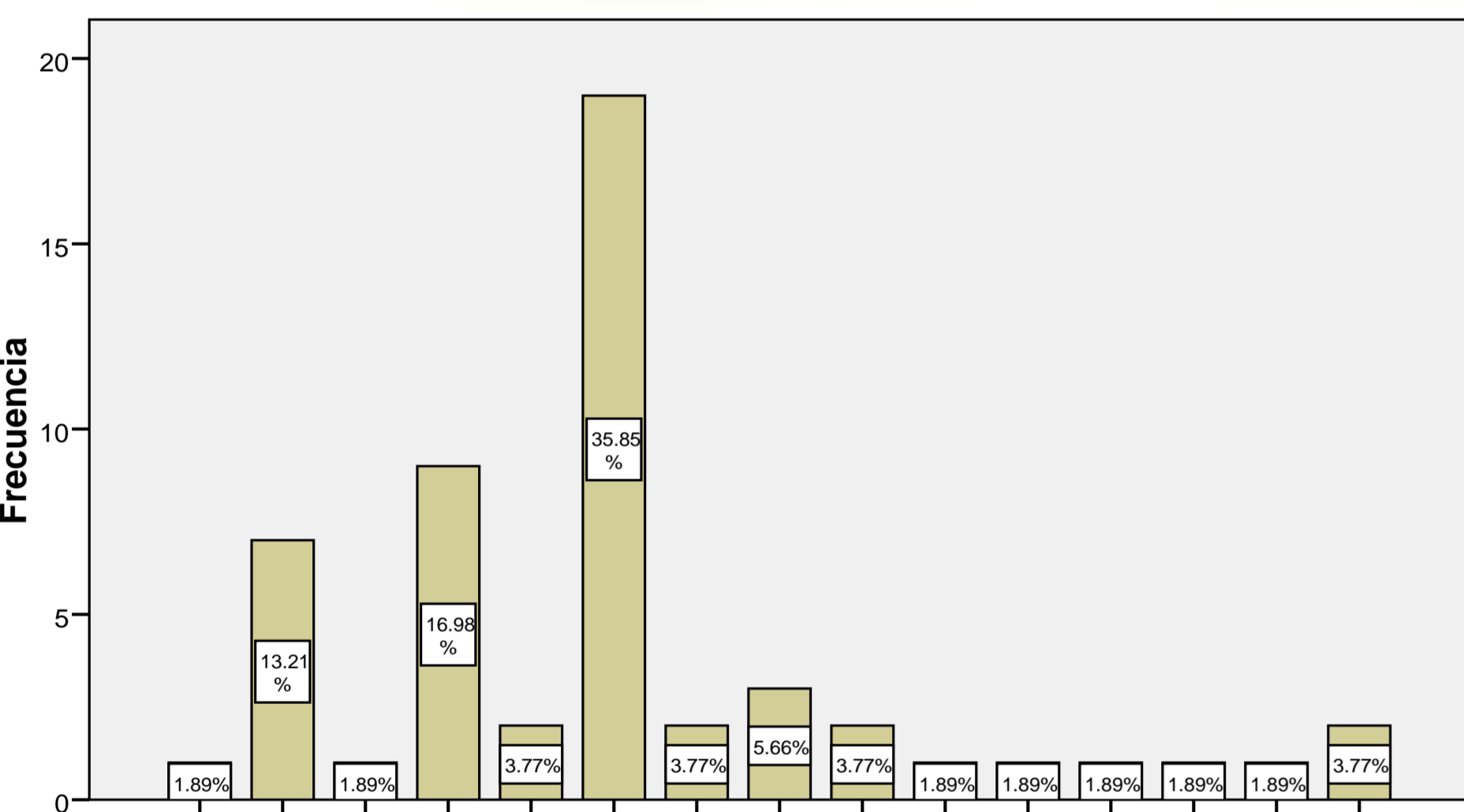
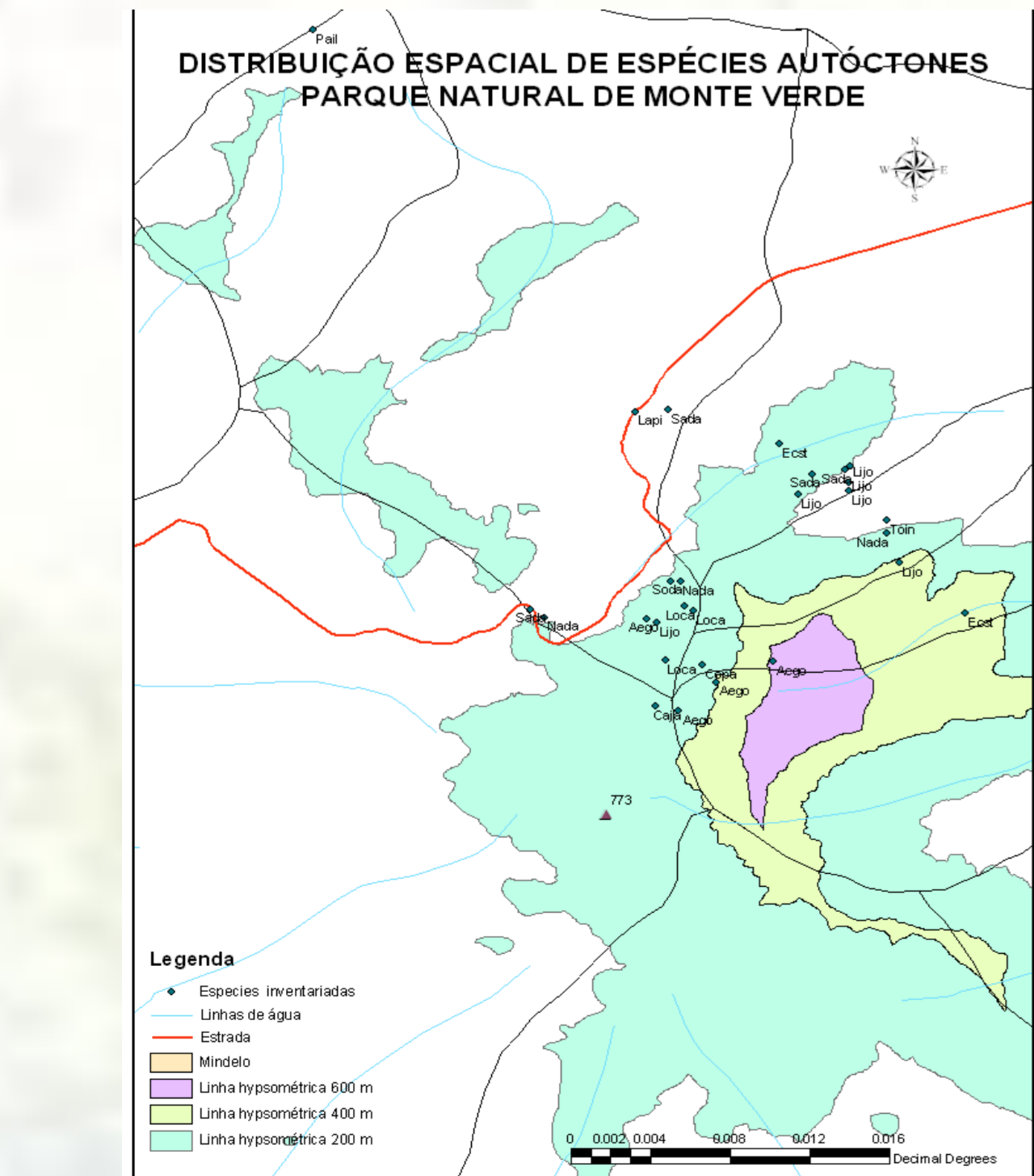
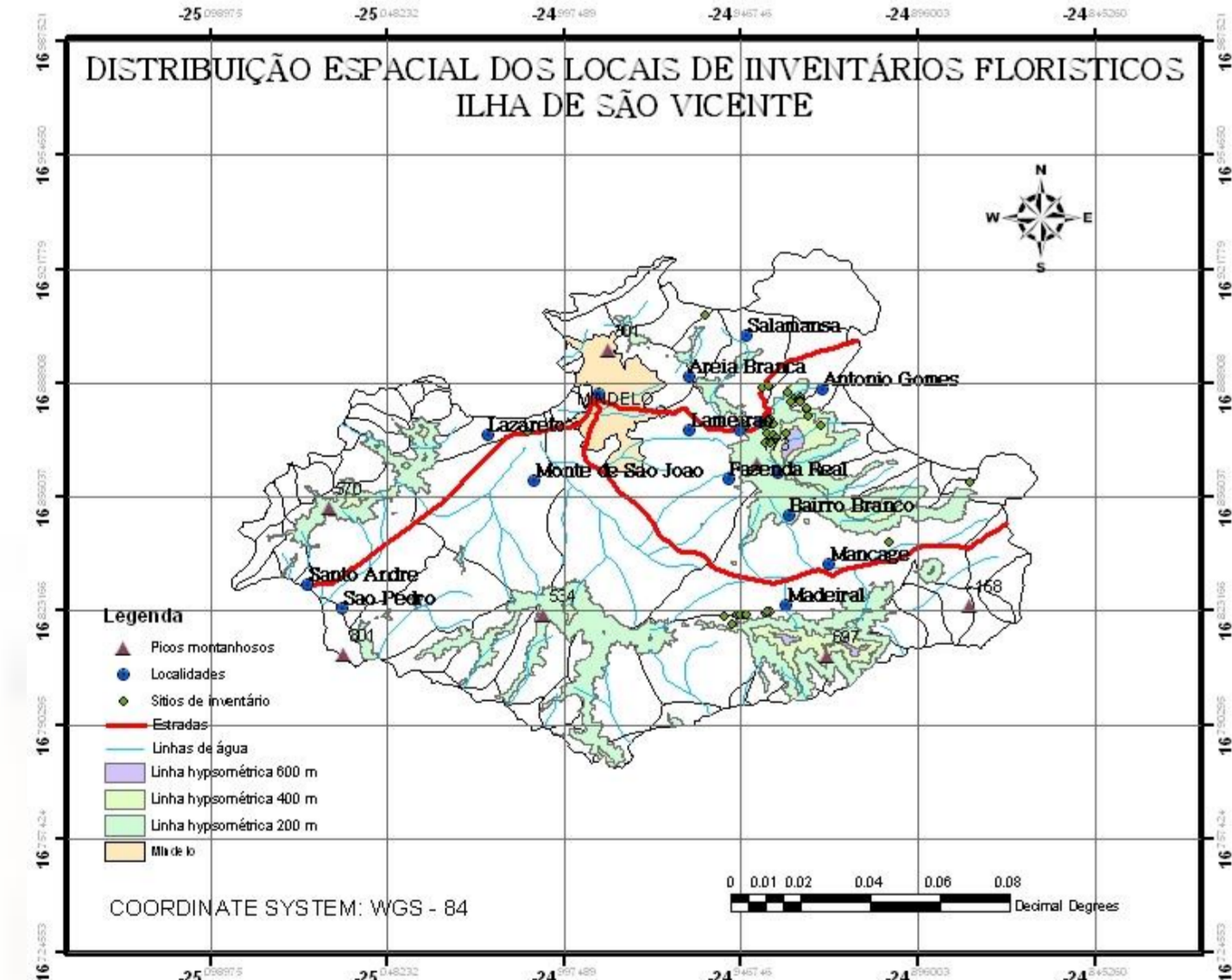


Figura 21: Representação gráfica do valor percentual das espécies inventariadas por local. Inventário florístico realizado na ilha de São Vicente.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos resultados do inventário florístico conclui-se que em S. Vicente a família mais representativa em termos quantitativos é a Asteraceae (20.75%), seguida da Asclepiadaceae (13.21%), Boraginaceae e Caryophyllaceae (9.43% respectivamente) (Figura 19). Note-se no entanto, que as famílias com grande importância científica para a ilha, são geralmente pouco representativas, caso da família Plumbaginaceae que integra *Limonium jovi-barba* espécie rara e que apresenta baixa frequência (5.66%). É de se destacar ainda que, pela análise dos dados (Figura 21) conclui-se que o Parque Natural do Monte Verde é a área da ilha que detém maior percentual em espécies endémicas. Do total das espécies da vegetação autóctone inventariadas, nota-se que a maior parte está concentrada nesta área protegida (35.85 %). Tal constatação impõe, com uma certa urgência, a implementação de medidas institucionais que tenham o objectivo de preservar este espaço natural único na ilha, possuidor de espécies de elevado valor socio-económico e científico. Depreende-se que o valor percentual do Parque Natural Monte Verde em relação as outras áreas da ilha poderia ser mais expressivo, na medida em que é a área que apresenta as melhores condições climáticas para que possam ocorrer a maioria das espécies autóctones. No entanto, verifica-se que o mesmo não ocorre como se esperaria, pois como já se disse existe uma forte acção antrópica concentrada nesta área.

Por outro lado, existem áreas detentoras de reduzidos valores percentuais em termos de endemismos. São áreas situadas a baixas altitudes, caso da Ribeira de Passarão, Ribeira de Vinha e Ribeira de Calhau ambos representando apenas 1.89% do total da amostra. No entanto, espécies encontradas nesses locais podem representar elevado valor científico, como por exemplo, *Tamarix senegalensis* na Ribeira de Vinha. Outro dado relevante em relação as espécies inventariadas refere-se ao respectivo grau de ameaça, descrito com base na Primeira Lista Vermelha de Cabo Verde. Pode-se constatar que o grau de ameaça mais expressivo é o LR que abrange 43.40% do total da amostra, seguido dos graus EN e do VU com 18.87% respectivamente. Realce-se ainda que, existe uma certa evolução em relação as classificações propostas pela Primeira Lista Vermelha para a ilha, na medida que algumas espécies classificadas como LR foram encontradas apenas em pequenas quantidades, (caso do *Asparagus squarrosus*), impondo que se faça por isso uma redefinição dos respectivos graus de ameaça de algumas espécies na ilha. Os dados recolhidos no terreno confirmam algumas das classificações relativamente ao grau de ameaça das espécies propostas pelos vários autores nomeadamente Brochmann *et al.* (1997) e pelos autores da Primeira lista Vermelha para S. Vicente. Por exemplo, *Campanula jacobaea* considerada em Perigo (EN), *Launaea gorgadensis* considerada Rara (R) e *Sonchus daltonii* considerada em Perigo Crítico (CR). Nota-se no entanto que, a espécie *Campylanthus glaber* ssp. considerada em Perigo (EN) apresenta um índice de ocorrência relativamente alto em relação a outras espécies consideradas de Baixo Risco (LR) como é o caso da *Forsskaolea procrifidifolia*. Outro caso de realce é o da *Euphorbia tuckeyana* considerada em Perigo Crítico (CR) mas que no entanto foi encontrada num total de 2630 espécimes, valor este bastante superior ao de outras espécies consideradas menos ameaçadas, caso de *Kickxia elegans* ssp. e *Launaea picridioides* classificadas como sendo de Baixo Risco (LR).



Os dados recolhidos no terreno confirmam algumas das classificações relativamente ao grau de ameaça das espécies propostas pelos vários autores nomeadamente Brochmann *et al.* (1997) e pelos autores da Primeira lista Vermelha para S. Vicente. Por exemplo, *Campanula jacobaea* considerada em Perigo (EN), *Launaea gorgadensis* considerada Rara (R) e *Sonchus daltonii* considerada em Perigo Crítico (CR). Nota-se no entanto que, a espécie *Campylanthus glaber* ssp. considerada em Perigo (EN) apresenta um índice de ocorrência relativamente alto em relação a outras espécies consideradas de Baixo Risco (LR) como é o caso da *Forsskaolea procrifidifolia*. Outro caso de realce é o da *Euphorbia tuckeyana* considerada em Perigo Crítico (CR) mas que no entanto foi encontrada num total de 2630 espécimes, valor este bastante superior ao de outras espécies consideradas menos ameaçadas, caso de *Kickxia elegans* ssp. e *Launaea picridioides* classificadas como sendo de Baixo Risco (LR).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise efectuada demonstram que a ilha, no conjunto nacional, representa uma pequena parcela no total das ilhas detentoras de maior diversidade de endemismos. Sendo detentora de uma limitada quantidade de endemismos e de acordo com Brochmann *et al.* (1997) e Gomes *et al.* (1996) muitas delas são extremamente Raras (R), Vulneráveis (VU), ou encontram-se em Perigo Crítico (CR), torna-se urgente a adopção de medidas de mitigação que possam contribuir para a preservação da flora autóctone. De entre as medidas que podem ser tomadas destacam-se as seguintes:

- Elaborar o plano de gestão sustentada do Parque Natural do Monte Verde;
- Integrar as comunidades locais nas estratégias de gestão e preservação da vegetação autóctone articulada com actividades controladas de ecoturismo;
- Limitar o número de visitantes à área do Parque Natural em função da sua capacidade de carga
- Reforçar as acções de informação, formação e sensibilização dirigidas às diferentes comunidades da ilha;
- Desenvolver acções de eliminação de espécies exóticas como a *Lantana camara* (Lantuna) e a *Furcraea gigantea* (Carrapato).



Parque Natural do Monte Verde



Aeonium gorgoneum (Saião)



Limonium jovi-barba (Carqueja)



Echium stenosphon (Lingua-de-vaca)



Euphorbia tuckeyana (Tortolho)



Agropyron (Aipo/Funcho)



Campanula jacobaea (Contra-bruxa-azul)



Conyza pannosa (Losna-brabo)



Nauplius daltonii (Macela)



Campylanthus glaber ssp. glaber (Alecrim-brabo)

